

PÁTIO HUMANIDADES – BREVES MEMÓRIAS

ANA LUCIA OLIVEIRA VILELA¹, MARINA VEIGA NUNES², FERNANDA FERRAZ³

Estudar é, de certa forma, estar receptivo ao que o mundo oferece e expropria. Aprender exige abrir-se ao risco do encontro com o desconhecido, com o inaudito. Essa abertura ao aprendizado é mental, uma disposição psíquica. Pode ser individual e coletiva e se expressa nos espaços físicos construídos pelos homens e mulheres.

O pátio manifesta a tensão entre abertura e fechamento à reflexão e ao pensamento. Nesse espaço, os estudantes convivem entre si, com visitantes, professores, técnico-administrativos e funcionárias e funcionários terceirizados. Estão nas escadarias, nos bancos situados na entrada do Edifício Humanidades 1, circulam entre a Livraria da UFG, o Instituto de Física, a Faculdade de Informação e Comunicação, a cantina Delícia no Campus. O convívio propiciado pelo espaço trama os termos da abertura e do fechamento ao aprendizado.

Durante aproximadamente quatro décadas o pátio e seu entorno se modificou, seja pelas ações institucionais que alteram sua configuração espacial, seja pelas práticas e usos aí acolhidos, debatidos, reprimidos e rejeitados ou criados e reproduzidos. Nas paredes, por exemplo, fixam-se, de maneira mais ou menos perene, sinais de toda a vida pulsante: anúncio para residências de estudantes, pichações, grafites, informes de grupo de estudos, cartazes de eventos acadêmicos, de encontros religiosos e de eventos culturais, de manifestações políticas, anúncio de bolsas, entre tantos outros. Há também intervenções políticas, críticas a professores e direções, declarações de amor e ódio, xingamentos, dizeres de dor, desespero e esperança.

¹ FH/UFG – analuciavile@gmail.com

² Estudante da FIC - marinaveiga3@gmail.com

³ Estudante da FH - fernandacostaferraz@gmail.com

Os espaços públicos são projetados, majoritariamente, de modo a não guardarem vestígios dos sujeitos que por ele transitam. Precisam ser facilmente higienizados e, presumidamente, culturalmente neutros. Refratários às identidades individuais, são de ferro, cimento e vidro, matérias pouco afeitas a deixarem-se marcar pelas crianças, pelos homens e pelas mulheres.

A ação humana, entretanto, não se deixa apagar pela impermeabilidade dos materiais da construção moderna. Uma aluna, frequentadora do pátio, afirmou que poderíamos reconstituir as angústias, os medos, as paixões e as alegrias de várias épocas se, através de procedimentos arqueológicos, retirássemos e restaurássemos, delicadamente, cada camada de tinta das paredes do pátio. É provável que tenha razão. De maneira mais ou menos intensa, o pátio foi habitado e vivido de maneiras diversas, múltiplas, resistindo e deixando-se alterar e vibrar no diapasão da atividade humana. As tensões sociais estão gravadas no lugar e são perceptíveis ao observador atento. Assim, piso, pilastras, paredes, corrimões, escadas, salas, cadeiras, janelas e odores são parte de nós e da nossa história. O pátio carrega as marcas dos conflitos e dos consensos. Ele nos é familiar e estranho. Nele podemos acolher, observar e elaborar nossa história.

Nesse momento uma grande imagem de Marielle Franco, vereadora ativista negra assassinada em março deste ano, no Rio de Janeiro, ocupa uma das paredes do pátio, juntamente com faixas antifascistas. Essas memórias inscritas nas matérias duras que compõe o espaço são transmitidas de geração a geração, mesmo que inconscientemente. Construídos durante o regime militar, os edifícios do entorno ao pátio guardam tanto seu projeto autoritário quanto os desejos por liberdade daqueles dispostos à uma perigosa e emocionante aventura. A cada geração de alunos, professores, técnico-administrativos, terceirizados, a cada geração de pessoas, acrescenta-se mais uma camada de tempo e de história que se refletirá em todas as outras e que abrigará, de todas as outras, os conflitos. Cada memória ligada a essa espacialidade grava-se nas mentes e nas matérias com as quais esses edifícios e esse lugar foram construídos.

A professora Dulce Oliveira Amarante dos Santos, os professores Rafael Saddi e Pedro Célio Alves Borges e o técnico-administrativo Gustavo abriram-se generosamente para compartilhar breves memórias sobre o Pátio Humanidades, relatadas a seguir.

- Dulce Oliveira Amarante dos Santos – professora da Faculdade de História

Eu estou aqui há 24 anos e as memórias são variadas. O pátio sempre foi, menos, talvez, nos últimos anos, um espaço dos alunos. Antigamente existia ali, uma cantina (no espaço atualmente conhecido como buraco). Todos frequentavam o pátio para lanchar. Durante muitos anos, eu frequentei o pátio para isso. Os alunos ocupavam o pátio. Ainda não tinha cadeiras e, então, ficavam de pé e também se colocavam muito nas escadas. Era um espaço normal de socialização dos alunos. O que mudou nesses últimos anos foi a ocupação desse espaço por pessoas de fora, presumivelmente traficantes, que constrangiam a permanência. Fizeram com que os alunos recuassem e não mais ocupassem o pátio. A reitoria tem feito toda uma mobilização para que esses espaços sejam reocupados pelos alunos.

- Pedro Célio Alves Borges – professor da Faculdade de Ciências Sociais

Eu conheço o pátio das humanas desde 1975. Esse pátio passou a existir e ser usado assim pelas pessoas no final de 75. Eu entrei na graduação nesse ano. O meu departamento ficava no prédio onde hoje é a Química, antes havia sido o IQG e logo depois o IESA. Então, antes disso tudo, lá funcionavam os departamentos de Sociologia e Antropologia e de Economia e Política. Esses dois departamentos foram o embrião desta faculdade atual: a Faculdade de Ciências Sociais. Somente na passagem de 1975 para 1976 é que o prédio, que depois assou a ser chamado ICHL, foi construído, bem na sequência do prédio onde tinha a Física. Então entre a Física e o ICHL (Instituto de Ciências Humanas e Letras) é esse pátio. O público do pátio era principalmente os estudantes do ICHL, com uma característica fundamental: os estudantes, professores e servidores eram amplamente e majoritariamente mulheres, porque eram as pessoas que se matriculavam nos cursos de Ciências Humanas e Letras. Eram dois prédios do ICHL. No prédio do meio, chamado de ICHL 2, ficavam as salas de aula e no ICHL 1 ficava a parte administrativa e de gabinetes de professores. Com o tempo, isso se modificou. Além dos cursos do ICHL, toda a área de Humanas da UFG, inclusive as da Praça Universitária também frequentavam ali nos seus primeiros semestres, que a gente chamava na época de Curso Básico. Então também tinha Direito, Pedagogia e mais algum outro, que também eram majoritariamente femininos. No ICHL o pátio era usado mais na confrontação com o IMF 2 (Instituto de Matemática e Física), onde funcionavam os cursos de Física e Matemática. Na época havia também as disciplinas básicas dos cursos de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica,

Agronomia e eventualmente algum outro que eu não vou me lembrar. Eles também ofereciam estatística para os cursos de Ciências Biológicas, que tinha Veterinária e tudo mais. Do outro lado, então, eram públicos majoritariamente masculinos. A universidade naquela época tinha uma certa movimentação, e todo esse encontro era feito 90% na parte da manhã. No período da tarde, após o almoço, isso era um deserto e a noite era funcionamento zero, não existia noturno. Nenhum desses cursos possuía pós-graduação. Apenas no ano de 1975, 76, se não estou enganado, é que o curso de História criou o Mestrado em História. Então houve uma movimentação mínima na parte da tarde, com 10 alunos, 12 alunos, talvez isso e pouquíssimos professores que ocupavam os gabinetes. A outra característica é que no espaço das humanidades havia também um resquício da movimentação política da Universidade, que vinha do início dos anos 70. Até o ano de 1973, a Universidade, mais na praça universitária, tinha muita movimentação política. Os estudantes faziam reuniões, havia os centros acadêmicos e depois de 1973, em decorrência repressão política e dos efeitos do AI – 4 em 1977, isso acabou. Ficou-se 1 ano e meio, 2 anos com muito medo de protestos, de debates políticos na universidade. Os professores ficavam intimidados e os estudantes também. No ano de 1975, quando eu entrei, houve um reinício dessas atividades, já não através dos Centros Acadêmicos, mas dos Diretórios Acadêmicos, que eram organizações previstas na legislação e incentivadas pelo regime militar para substituir os antigos Centros Acadêmicos e o DCE. Na universidade toda somente quatro diretórios acadêmicos poderiam existir, e eles existiam por área de conhecimento. Isso significa que todas as humanidades tinham apenas um Diretório Acadêmico. Aqui no ICHL, que concentrava as humanidades, não havia um sequer. Tinha uma sede que ficava lá na Faculdade de Direito na Praça Universitária e naquele tempo a distância física e simbólica e de recursos para transitar de um espaço a outro, da praça para o campus, era uma distância muito maior do que é hoje. O hábito de fazer isso era muito mais difícil do que hoje. As aulas começavam às 7h10 da manhã, as linhas de ônibus eram mais difíceis, pouco asfalto, poucos carros – a política econômica do Brasil não era essa de favorecer o consumo popular, era muito mais de favorecer o público elitizado. Um hábito comum nesse período era o da carona. Os carros que vinham do lado do Setor Universitário, do lado do Centro e do lado de Campinas, combinavam para não virem com apenas uma pessoa. Normalmente os carros vinham lotados, com 4, 5, 6 estudantes, porque se combinavam as caronas com

antecedência. Era muito comum que no ponto de ônibus lá da Fama - eu vinha de Campinas -, a gente descia no ponto de ônibus na esquina da Marechal Rondon e tinha lá mais ou menos 300 estudantes esperando a carona com os quais haviam combinado. Alguns pediam carona, mesmo sem ter havido alguma combinação. Isso era muito comum. Assim como tinha também na Quinta Avenida da Vila Nova e do Setor Universitário, conforme o lado da cidade. O intervalo de aulas era 9h10 da manhã até 9h40. Esse intervalo significava uma meia hora de uma multidão fabulosa, muita gente, no pátio das Ciências Humanas e Letras. Não existia o prédio das Letras que foi construído depois e passou a ser chamado ICHL 3. Entre o ICHL 1 e o ICHL 2, nesse horário de intervalo entre as aulas, imagine, o público feminino saía de uma porta e o masculino saía da outra, e iam se encontrar ali. Havia uma escadinha com 5 ou 6 degraus, que existe até hoje. A característica de ocupação era sentar na escadaria para ver as meninas desfilarem. Eu tenho a impressão de que as meninas sentavam ali também para ver os homens passarem. Havia muita conversa, esse era um ponto de encontro de todo mundo. O nome dado a essa escadaria e à parte dela virada para o pátio era pombal, por dois motivos: primeiro porque havia muitos pombos ali e também porque as pessoas se sentavam ali e pareciam os passarinhos mesmo. Eu tenho uma outra lembrança, se não me engano, do ano de 1978, em que as movimentações políticas retornavam e os estudantes venciam a intimidação e o medo. As maiores reuniões aconteciam quando eram mais abertas, feitas no pátio, com caráter de assembleia. Normalmente havia muitas reuniões escondidas dentro das salas de aula dos prédios. A saída do prédio ICHL 2 não era como é hoje, era uma escadaria padronizada apenas saindo para a frente do pátio, então quem ficava na porta do prédio ficava em um patamar superior à frente do pátio. Ali eram as assembleias, os líderes das manifestações e reuniões ficavam naquele local e o pátio lotado de gente. Uma que eu me lembro, particularmente interessante, foi quando depois de muita luta e reivindicação da administração da UFG, dos professores e dos estudantes, principalmente, foi anunciado pelo governador Irapuã Costa Jr. que seriam inauguradas outras 3 linhas de ônibus em direção ao campus. Uma a mais pelo Setor Universitário, uma a mais pelo Centro e uma inaugurando o percurso vindo por Campinas. Seria algo fabuloso e desejado durante dois anos, três anos. E eu me lembro que o Diretório de Ciências Humanas foi convidado a estar junto com as autoridades lá no pátio e o governador e a assessoria dele pediram para os coordenadores do ICHL e do IMF

suspenderem as aulas. Todo mundo foi ali para o pátio e o governador iria fazer um pronunciamento ao final. O reitor foi lá, abriu a cerimônia, com uma caixa de som enorme, e um determinado estudante foi convidado a se pronunciar em nome do diretório e dos demais estudantes. Esse estudante cursava Ciências Sociais e falou o seguinte: “que nós estávamos vivendo em uma ditadura, que as autoridades do governo de Goiás representavam essa ditadura, que eles demoraram muito a trazer essas linhas de ônibus e quando agora estão trazendo, eles não fazem nenhum favor para os estudantes ou para a universidade, eles não fazem mais do que a obrigação, aplaudimos muito as linhas de ônibus, mas não aplaudimos as autoridades.” Assim que isso foi falado desligaram as caixas, desmontaram o som, o governador não se pronunciou, entrou no carro junto com a assessoria e foi embora. Isso teve uma repercussão enorme na cidade inteira. Eu me recordo que na tarde daquele dia – isso foi no intervalo da aula – eu fui pagar uma conta para os meus pais e na fila do banco, lá na caixa econômica na Rua 4, uma fila enorme e as pessoas comentando isso. No dia seguinte o Jornal O Popular soltou uma nota dizendo que o governador foi tratado com muita falta de educação na universidade, como se a culpa fosse de toda a universidade, não apenas dos estudantes. Uma coisa trivial que acontecia na universidade repercutia na cidade toda, e o pátio do ICHL ficava muito mais falado e badalado com esses acontecimentos. Nos barzinhos quando tinha muita moça bonita, muita alegria, muito movimento, diziam o seguinte: ‘olha, fica parecendo o pombal da universidade’, que era o pombal do pátio, era um linguajar da juventude.

- Gustavo Antônio Pereira Junior - Técnico administrativo

Eu estou aqui desde a década de 80 e o que eu sei do pátio é que era um espaço comum a todos os cursos básicos da universidade, porque antes era ICHL (Instituto de Ciências Humanas e Letras). Aqui ficava a parte de jornalismo e letras. Os alunos da agronomia, das engenharias, da matemática, entre outros, faziam as disciplinas básicas e então concentrava muito aqui no pátio que era um lugar de interação, ponto de encontro mesmo. Havia assembleias de estudantes, dos movimentos sociais. Eram todas aqui. Os estudantes ficavam muito concentrados na escada porque não existiam rampas. Houve uma época em que o pessoal jogava muito baralho, muito truço na hora do almoço e dos intervalos. Nessa época, já havia mesas. Na época do ICHL, em 1993, houve uma colação de grau especial de todos os cursos da área, Jornalismo,

Relações Públicas, Radialismo (existiam cursos de radialismo), Letras, Filosofia, Ciências Sociais e História. Na época, a diretora surgiu que fosse feita uma colação de grau conjunta. Foi instalado um palco muito bem organizado, em 1993. Teve a presença da banda da polícia militar. Realmente encheu muito o pátio. Foi um evento muito bonito. As relações públicas da universidade ajudaram bastante na realização do evento.

A gente que viveu esse espaço de integração, de convivência, até imagina que volte isso aí, mas tivemos problemas graves da invasão pelo tráfico, e pessoas alheias à universidade. Isso expulsou a comunidade universitária, o que obrigou a reitoria a tomar medidas, inclusive físicas, como a retirada das mesas e o fechamento do redário. O que nós esperamos é que o tempo faça com que a comunidade volte, e volte a integração.

- Rafael Saddi – professor da Faculdade de História

“Expressões da alma” era um evento nos anos 90, a partir de 97. Surgiu de um grupo de estudantes da Filosofia e algumas outras áreas, que inclusive não queriam falar nem quem organizava, a ideia era o organizador ser anônimo. Na verdade, eram várias pessoas que eram chamadas para fazer, e a ideia era que tivesse algum tipo de expressão. Cada pessoa podia, nesse lugar, nesse momento, nesse encontro, apresentar algum tipo de expressão. Tinha poesia, tinha música, tinha discurso, tinha várias formas de expressões artísticas e qualquer forma era aceita. Mas o mais interessante era isso, era algo feito por um grupo inicial que perdeu a direção. Não tinha quem controlava. Ninguém sabia quem fazia, quem organizavam. Eram as pessoas iam e montavam. Até o grupo inicial parou de fazer e outro grupo continuou, porque ele surgiu com essa ideia de não ter nome. Nem sempre era no pátio, mas o pátio era um lugar articulador, onde as pessoas se encontravam, se reuniam, se expressavam. O pátio também era um lugar onde se encontravam vários cursos. E eu falo desse pátio aqui do FCHF, na época se chamava FCHF, porque as portas dos outros prédios eram abertas, então também pessoas de outros cursos ficavam nesse pátio. Parece que a gente teve mesmo um processo de segregação cada vez maior, onde as portas dos prédios passaram a ficar viradas para lá (para o lado oposto ao do pátio) e isso também impossibilita esse tipo de encontro. Era um momento meio mágico. Na época não era proibido álcool. Então, Expressão da Alma tinha aquela coisa do vinho, era sempre a expressão artística que tinha vinho, comprava-se aquele pedaço de salame – o primeiro pelo

menos foi assim – queijo, salame, e as pessoas pegavam um copo, se serviam e assistiam o momento de todo mundo ver alguém se expressar. E assim, tinha alguma magia ali. Não sei o é, porque as expressões pareciam figuras, eram geniais, os caras tinham um dom artístico que ninguém sabia e, de repente, surgia ali naquele momento. Acho que isso era um pouco da magia, era arte, as pessoas se sentiam comovidas, assistiam aquilo em um ambiente regado a vinho, em um ambiente universitário que reunia pessoas jovens, de tudo quanto é tipo e tinha aquela força da juventude, aquela vontade de realmente estabelecer algo novo e distinto. Ao mesmo tempo tinha essa coisa: ali não era de ninguém. Alguns estudantes do CA falavam “você não querem assumir então dá aí para o CA assinar o nome, alguém tem que capitalizar, tá sendo feita uma mega atividade e a gente tem que fortalecer o movimento estudantil com essa atividade”. A nossa ideia era justamente essa. Sempre que a gente institucionalizava a coisa, ela perdia a capacidade das pessoas de sentirem a vontade de estar ali, de emitir opinião, de decidir e também fazer vaquinha para o próximo evento. Enfim, eram muito legais as artes do evento! A gente pegava papel e colocava fogo no papel e escrevia e ficava lindo. A gente pregava em todos os lugares e ninguém sabia quem tinha pregado. De repente a universidade inteira amanhecia com uns papeis muito diferentes, que não pareciam com cartaz nenhum. A ideia era essa, não parecer cartaz nenhum, porque as pessoas já estão acostumadas com cartaz e nem leem o que está escrito. Mas, de repente, as pessoas olhavam para aquilo, porque aquilo era diferente, papel queimado escrito de uma forma artística distinta. Dizia: “Expressão da Alma, tal dia” e as pessoas simplesmente chegavam e era incrível. Acontecia lá pelas onze. Acabava a aula, ou estava terminando, e as pessoas começavam a chegar para assistir e participar, com os lugares sempre lotados.

Recebido em outubro de 2018

Aprovado em dezembro de 2018